

MENINOS E MENINAS DO MUNDO / 2

Jhazmín, do Amazonas

Iquitos, Peru

 ediciones
de la junji

Jhazmín, do Amazonas

© Junta Nacional de Jardines Infantiles (JUNJI)



Pesquisa e textos de Marcelo Mendoza

Fotografias de Álvaro Hoppe

Edição de Rosario Ferrer

Design e diagramação de Katherine Olguín

Ilustração de Katherine Olguín

Versão original Jhazmín, del Amazonas

Tradução de Marianna Prado (Certera Comunicaciones)

Edição digital Dezembro 2021

Registro de Propriedade Intelectual Nº 2020-A-7363

ISBN: 978-956-6013-16-7

Este livro foi feito com a colaboração da Fundação Bernard van Leer.

© Junta Nacional de Jardines Infantiles

Morandé 226

Santiago de Chile

www.junji.cl

Nenhuma parte desta publicação, incluindo o desenho da capa, pode ser reproduzida, transmitida ou armazenada, seja por meios químicos, eletrônicos ou mecânicos, incluída a fotocópia, sem permissão prévia e por escrito da Junta Nacional de Jardines Infantiles.

Mendoza, Marcelo

Jhazmín, do Amazonas [texto impresso]

/ Junta Nacional de Jardines Infantiles; Marcelo Mendoza

— 1ª ed. — Santiago: JUNJI, 2020.

88 p.: 21x15 cm. (Coleção Meninos e Meninas do Mundo).

ISBN : 978-956-6013-16-7

1. Educação multicultural
2. Meninas migrantes – Obras infantis
3. Literatura infantil chilena I. Título.

Dewey : Ch863 -- cdd 21

Cutter : M539j



Fonte: Agência Catalográfica Chilena

Jhazmín, do Amazonas

Iquitos, Peru

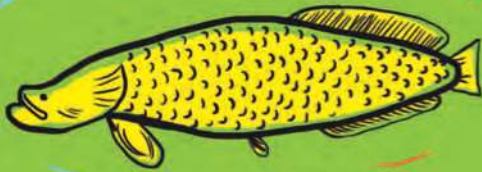
Pesquisa e textos de Marcelo Mendoza
Fotos de Álvaro Hoppe





América
do Sul

Peru



Bairro Belém





Meninos e meninas são sempre os mesmos e em todos os lugares: curiosos, brincalhões, inquietos, carinhosos, entusiasmados, originais. São os ambientes onde nasceram e em que crescem que lhes dão parte da sua marca e lhes permitem compartilhar experiências desconhecidas para crianças de outras latitudes.

Conhecer diferentes realidades e valorizar a diversidade expressa em costumes, ambientes e experiências, é o fim desta coleção de livros da Junta Nacional de Jardins de Infância em coedição com a Fundação Bernard van Leer chamada *Meninos e Meninas do Mundo*, que através de história e uma grande variedade de fotografias de diferentes cantos do planeta convida crianças para a fase pré-escolar, suas famílias e educadores para descobrir diferentes modos de vida ao ser um menino ou menina.

Rios poderosos, palafitas, sementes de cacau, animais silvestres, plantas frondosas, danças alegres, ritos ancestrais, viagens infantis após a imigração de seus pais, fazem parte do cenário que mostra essa coleção de histórias que busca encantar adultos e crianças e transmitir a diversidade como um valor para respeitar e espalhar.

Adriana Gaete Somaniva

Vice-presidenta Executiva

Junta Nacional de Jardins de Infância (JUNJI)



O mundo de hoje requer histórias que nos permitam reconhecer e valorizar a riqueza da diversidade em todas as suas dimensões. A coleção *Meninos e Meninas do Mundo* da JUNJI é uma ferramenta maravilhosa para compartilhar histórias sobre a convivência harmoniosa das crianças em diferentes contextos e culturas diversas.

O ser humano requer momentos de lazer, de plenitude, de prazer do tempo livre. Esse acervo de histórias é uma oportunidade única para criar esses espaços e gerar conexões mágicas entre educadores e crianças. Esses momentos de relacionamento através de histórias são fundamentais para o crescimento pessoal, para compartilhar com a família e amigos, para fortalecer a convivência na comunidade e para melhorar as capacidades de nossos filhos desde cedo.

Na Fundação Bernard van Leer acreditamos firmemente que o melhor investimento que podemos fazer é em crianças menores de cinco anos. É por isso que trabalhamos ao redor do mundo por sete décadas em mais de 50 países que buscam apoiar um bom começo para todas as crianças. Confiamos que no Chile essas histórias fortalecerão os laços entre crianças e adultos e que também favorecerão a ampliação da visão sobre a vida das crianças em diferentes cantos do mundo.

Cecilia Vaca Jones
Diretora de Programas
Fundação Bernard van Leer





–**“Bom dia, Amazonas!”**: eles dizem no rádio quando minha mãe nos acorda de manhã –diz Jhazmín Navarro Yumbato, abrindo seus olhos grandes. E eu acordo feliz!



Jhazmín tem 4 anos e vive nos arredores de Iquitos, cruzando o rio Itaya, em uma palafita do bairro Belém.

A mãe dele é Nilsa e o pai dela é César. Ela tem 34 e ele 42. César trabalha em uma plataforma petrolífera, dentro do Amazonas, na fronteira com o Brasil. Volta para casa não mais do que 7 dias por mês.

–Estou três semanas na fábrica, como guarda de segurança
–disse César: –Tenho esse emprego estável há oito anos. Eu costumava atravessar pessoas de barco.



O bairro Belém é o mais amazônico da cidade, onde o espírito da selva “vive”. Lá eles usam muitas palavras do “cocana”, dialeto que identifica os belenses.

As casas são de palafitas porque a cada ano o rio cresce: de junho a dezembro é a estação “seca”, e de janeiro a maio, a das chuvas, e inunda o que costumava ser o primeiro andar

Agora é novembro e o rio já começou a subir. Falta apenas um mês para ocupar o solo e andar de moto táxi, assim que os “táxi-canoas” serão usados. As estacas das casas têm uma marca que indica o quanto longe a água chegou no ano anterior



Nilsa deve cuidar de seus filhos quando César não está lá. Para ajudar na subsistência, ela colocou um pequeno negócio na palafita, onde ela vende alimentos não perecíveis e coisas que seus vizinhos precisam urgentemente.



EASEL
REFRESH



-Meus irmãos são Franz (16), Joan (11) e Katia (8) –apresenta Jhazmín.

–Minha mãe se preocupa comigo e com meus irmãos e também é comerciante –diz Katia.

-Eu gosto de brincar com meus amigos jogando futebol e vôlei, mas também com o pião –disse Joan. –Gosto da escola, mas prefiro jogos. Quero ser um jogador de futebol: atacante, como Paolo Guerrero.¹

Temos que aproveitar o tempo seco, porque o rio já está subindo e então só podemos sair de barco.

¹ Paolo Guerrero é um atacante proeminente da seleção peruana.



DERECHOS ECOLOGICOS
ONDULINE

SANTA

adidas

O mais velho da família é Franz. Ele está no último ano do ensino médio e quer entrar na faculdade. **Ele** não é apenas um excelente aluno: ele é um líder. **Ele** gosta de ler e é um líder profissional ativo pró-infância, da organização infantil ONNSA.

–Quero estudar Ciências da Comunicação –disse. –Espero conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade. **Eu** já tinha uma bolsa de estudos e pude estudar inglês.



Desde pequeno, Franz participava, assim como Jhazmín, nas atividades promovidas pela Infant, organização que busca **tomar crianças e adolescentes protagonistas e líderes na defesa de seus direitos**. Franz se destacou tanto em ações em defesa das crianças que, aos 13 anos, foi indicado para o Prêmio da Paz Infantil por ter organizado sua comunidade para exigir que **seu bairro seja um espaço livre de violência e poluição**. Por sua liderança, foi convidado para atividades nos Estados Unidos, Suíça e Brasil.



–Eu brinco com minhas amigas de boneca –diz Jhazmín.
–Ela é a Helia, aquela ali, Mariana. A outra é Elena. Eu também ajudo minha mãe no negócio.

As crianças aproveitam a estação “seca” para jogar “kiwi”, um jogo típico peruano que consiste em derubar com uma bola uma torre feita com latas de bebidas.







“Azul, azul, azul.. De que cor é?” Eles fazem perguntas, fazem rodas e outras atividades que preparam Lysander, Richard e outros jovens de Infant. Eles se encontram em palafitas localizadas nos diferentes setores de Belém. Há cartazes lembrando que a infância deve significar ternura, afeto, respeito, proteção, cuidado ambiental e protagonismo. Cerca de vinte crianças de 3 a 10 anos se encontram três vezes por semana.



Infant

POR UNA
INFANCIA
SIN
VIOLENCIA

Lisandro e Richard foram como Jhazmín: crianças que cresceram com essas mesmas atividades e agora trabalham compartilhando o que fizeram antes com eles. Alegria e empoderamento fazem parte de suas máximas.

Todos estão descalços: é a norma para começara entrarem ação entre todos.



–Que aprendemos aqui quando nos juntamos?

–pergunta Lisandro.

–Eu aprendo a criar –disse Elena.

–Eu aprendo meus direitos de criança e a compartilhar com os outros –disse Katia.

–Eu posso levar tudo o que eu aprendo aqui para a minha escola –disse Leonardo.

–Como estamos então? –grita cantando Lisandro.

–Muito bem! –respondem as crianças, em um grito alegre.



–Jhazmín é a mimada da casa –diz o pai César, depois de deixá-la dormindo na cama.

Toda a família dorme em dois leitos, que ficam no topo da palafita, pois no período das enchentes a água cobre todo o andar abaixo. Então a vida familiar acontece no segundo andar



Já entardece em Belém e Iquitos fica rosa. O céu amazônico parece estar falando. Alguns barcos parecem ser como fantasmas no rio. Não há barulho. Você pode ouvir os últimos sons dos pássaros. Tudo é paz.





Está escuro e um grupo de vizinhos se reúne ao redor de uma mesa, a poucos metros da casa de Jhazmín. É 1 de novembro, o Día dos Mortos. Eles fazem o jantar com macarrão, cercados por velas brancas. É uma oferenda para lembrar de todos os familiares e amigos que não estão mais lá. Veio um Xamã² para dirigir esse momento de lembrança comum.

² Os xamãs são ancestrais no Peru e em toda a região sul-americana. Todos os rituais para o bom tempo, boas colheitas e até mesmo conselhos de vida são realizados por eles. São líderes espirituais que vivem longe das cidades, em contato com a natureza e mantêm tradições antigas.

É outro dia. Um especial.

Katia e Jhazmín vão para a cidade e devem se dar bem. Eles deixam a gata Muchina, seu animal de estimação, em casa. Mamãe Nilsa lava e penteia o cabelo. Lá elas vão comer sorvete, elas vão andar ao longo do calçadão, elas vão brincar: elas vão no balanço e no escorregador.



As pessoas de Iquitos são alegres e esforçadas. Esta cidade do Peru é um lugar único. Localizado às margens do rio Amazonas, o maior do mundo, as cores, movimento e ruído sem parar dos mototáxis inundam as ruas.

Jhazmín adora andar de barco pelo rio Itaya com seus pais e se divertir na cidade. E agora eles fazem isso.



Jhazmín gosta das frutas. Abacaxi, goiaba e maracujá. Com buri e lagujina são feitos sucos saborosos, que só provei em ocasiões especiais. Ela também gosta de peixe, macarão e arroz com frango.

Elas foram para o Mercado de Belém, um lugar mágico onde toda a Amazônia é oferecida: vegetais como a folha de bijão (em que o juane é embrulhado, prato típico), frutas como camu-camu, cocona, mamão, taperiba ou ungurhui. Também peixes, como paiche (o maior do mundo) ou piranhas. Jacarés, um verme chamado suri, maparates barbudos... Nas cozinhas, ovos de tartaruga cozidos são comidos.



Continuando a viagem, eles sobem o rio Nanay, que encontra a Amazônia, para resgatar a animais feridos por caçadores. Quando eles os recuperam, são deixados de volta na selva.

Há preguiças (os “pelejos”), macacos de choro, tucanos (dizem “pinchas”), boas e anacondas. Também um jaguar. E um tamanduá, que eles chamam de “chigüi”.

Os “pelejos” se movem muito lentamente e abraçam crianças e adultos “porque eles são os mais fofo” –diz Jhazmín.

Um homem coloca a anaconda em volta do pescoço. Há uma jiboia (a chamam de “mantona”), é domesticada e algumas pessoas têm como um animal de estimação. Dá medo. Mas nada acontece. **Tudo está normal.**







Navegando pelo rio Momón você chega às comunidades Bora e Yahuas, onde crianças como Jhazmín vivem. Há uma escola. E um xamã, o Apo, que é o sábio e curandeiro.

As comunidades falam sua própria língua. “Yayá” significa “Vou com você dar uma volta”. “Macandí” é “terra”.



Os Yahuas usam plantas para curar doenças. Jovita, uma velha, diz que hoje eles vivem aqui, mas que a comunidade está muito mais ao sul, de Putumayo, e que eles foram movidos porque uma empresa foi instalada em seu lugar ancestral. Ele diz isso com tristeza e saudade.

Andando pela selva você vê macacos *marti*, que pulam muito rápido de uma árvore para outra.

Crianças tomam banho em um córrego.







Papá César nació en Iquitos, Mãe Nilsa em Nauta (norte do rio Marañón), e eles vieram morar nas palafitas em 2006. Eles são filhos de comerciantes de banana e mandioca. Pais e irmãos de Nilsa são vizinhos em Belém.

–**T** o m s o n o –disse Jhazmín a seu pai.

Pai César a pega em seus braços e caminha pelo caminho e Jhazmín em um dois por três adormece.



Perto de Iquitos há serrarias, beirando o rio. Eles trazem grandes troncos da selva através da Amazônia e da Itaya, em barcos que eles chamam de “chatas”. As árvores são compradas cortadas das comunidades amazônicas. Eles cortaram e viram cedro e outras madeiras de qualidade. É por isso que na selva há setores em que não há mais árvores.



Há quilômetros da cidade, há o zoológico de Quistacocha. O que Jhazmín mais gosta é fazer carinho no golfinho rosa, um espécime deste belo animal que foi resgatado antes de ser caçado.

–Seu nome é Huayrurín e ele é muito inteligente –diz Katia e Jhazmín– porque salta, canta e faz tudo o que lhe pedem.

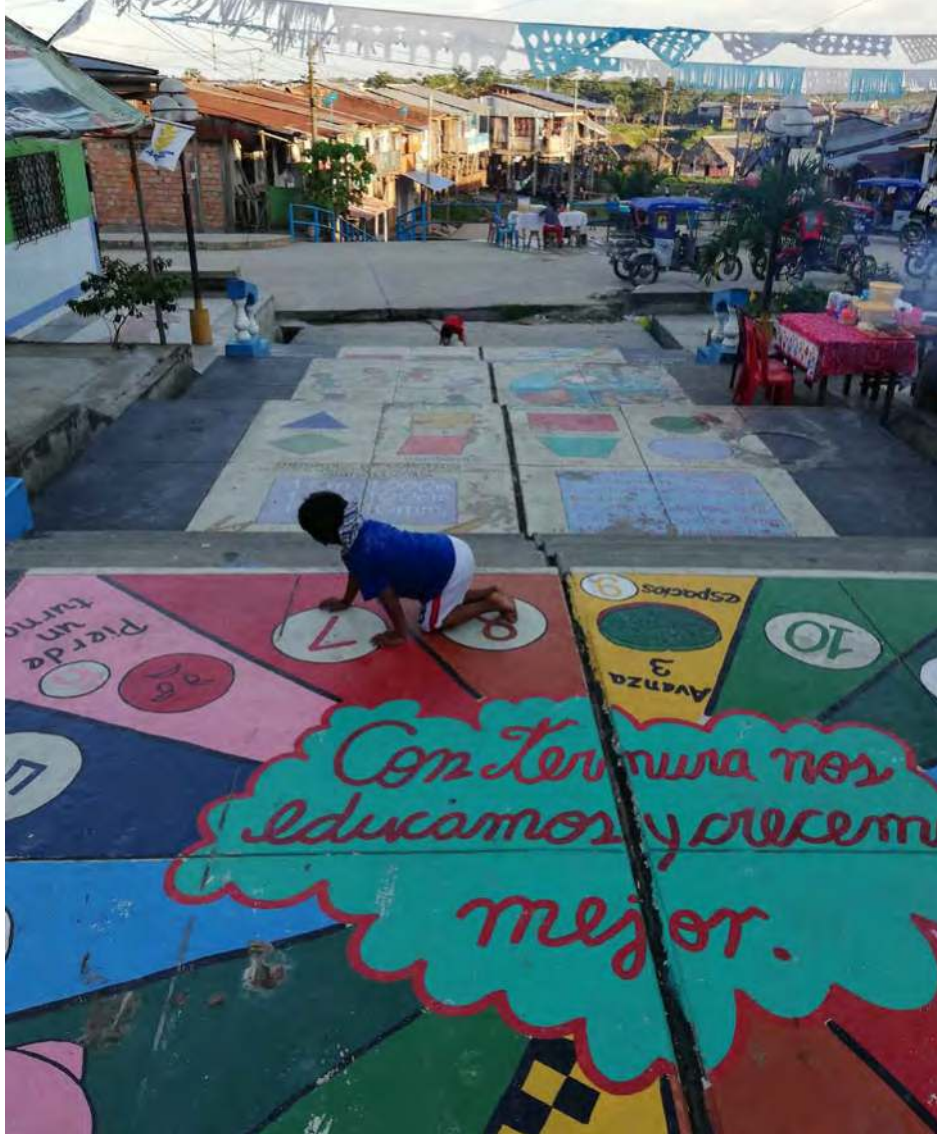


As pessoas que vivem nas palafitas de Belém lavam suas roupas no rio, que é poluído. Não há água potável ou esgoto. As pessoas que trabalham com Lysander e Richard desenvolvem um projeto para instalar lagoas que acumulam água da chuva, para que tenham água limpa para limpar e beber.



Antes de cruzar para as palafitas está a “Escadaria Porto Santa Rosa”, toda pintada com motivos e proclamações infantis. Uma vez por mês é realizada a “Feira de Jogos”, onde lá reúnidos eles fazem o que as crianças sabem: brincar

–Aqui há muita imaginação –disse Franz.



Nadia, de 9 anos, é cuidadora de sua irmã mais nova de 2. Aqui estão, muitas meninas “cuidadoras”: elas lavam seus irmãos, os vestem e os divertem. Quando os pais saem para trabalhar, ficam com seus irmãos mais novos, assumindo como adultas.



-Todas elas são minhas amigas. E gostamos de sair juntas na foto –diz Jhazmín rindo.

E assim retrata um momento comum de sua vida.

A estação das chuvas está se aproximando. O chão vai inundar; você terá que ficar na palafita. E este instante deve ficar guardado. Isso é o que Jhazmín pensa.



PARA SABER E CONTAR

O negro Cirilo (canção tradicional)

O negro Cirilo ele vai
muito tranquilo para o
Amazonas montado
em seu caimão.

Onde vai Cirilo
Negro Cirilo
onde vai Cirilo
montado em seu caimão.

Ao chegar ao rio o
caimão lhe dá frio
não quer cruzar e se
põe a tiritar

Carrega tesoura e
agulha com linha e
uma cesta cheio de
migalhas de pão.

Vai para a Amazônia
sabe dançar samba
com uma negrita do
Paranácuá.

O negro Cirilo lhe
costura um vestido e
lhe faz um bote com
migalhas de pão.





IQUITOS

Fundada no final do século XVIII por missionários jesuítas, seu nome significa “Multidão separada pelas águas”, pois fica entre os rios Itaya, Nanay e Amazonas. É a capital peruana da Amazônia e tem 500 mil habitantes. No início do século XX viveu “A Febre da Borracha”.

Tem quatro distritos, um dos quais é Belém, onde Jhazmín mora. Os grupos étnicos originais são os Napeanos e Iquitos. É uma das cidades mais remotas do mundo, pois só pode ser alcançada pelo rio ou por avião. Tem sido chamada de “Veneza Amazônica”.

Os principais meios de transporte são os mototáxis, que se movem com seu zumbido característico dia e noite.

AMAZONAS

O grande Amazonas passa pelo Peru, Colômbia e Brasil. É o maior rio do mundo. Sua selva é um pulmão de oxigênio para crianças de todo o planeta respirarem.

Abriga milhões de espécies de insetos, milhares de plantas, aves e mamíferos, como a onça-pintada, a anta, várias espécies de veados; répteis como jacarés, cobras e tartarugas; lindas borboletas, muitas espécies de macacos, preguiças e incontáveis peixes e grandes mamíferos fluviais, como o peixe-boi e o golfinho rosa.

As comunidades vivem na selva, algumas delas ainda primitivamente e sem contato com a civilização. Jhazmín e as crianças de Iquitos estão preocupados com a preservação deste lugar de vida.





LENDA DO GOLFINHO ROSA

A Amazônia tem “yacurina”, um deus animal que governa no rio e na selva. As comunidades Yahua, Cocama e Ticuna acreditam que sim. E eles também acreditam na lenda do golfinho rosa, que vive em suas águas. **Eles garantem que este belo animal se torna um homem para se apaixonar por uma mulher.**

Diz a lenda que uma jovem chamada Diana ia todos os dias ver os golfinhos cor-de-rosa e que um deles lhe dava peixe. Ela tinha sido deixada sozinha, como seus pais tinham saído, e ela não entendia por que este lindo golfinho lhe deu peixe. Uma noite, a jovem teve um sonho onde viu o golfinho se transformar em um homem que se apaixonou por ela.

Diz-se que quando um bebê albino nasce, é porque é o filho do golfinho rosa.

A CONCHA E PAIJOJO (história tradicional)

Houve uma vez um músico da comunidade de Aguaruna chamado Paijojo, que tocava quena como ninguém mais na Amazônia peruana. Seu amigo Bisuna tocava bateria. Mas uma manhã a música de Paijojo soou diferente e ele estava perdendo seu dom. Ele perguntou ao xamã:

–Xamã Yankush, perdi o dom da música. Faz várias luas que minha quena emite sons que desagradam a todos.

O Xamã lhe perguntou:

–Diga-me, Paijojo, o que te inspira a tocar?



–Ninguém. Imagino os sons. As invenções.

–E o que as pessoas falam da sua música?

–Eu não sei. Elas se incomodam com seus ruídos. E elas me impedem de trabalhar em silêncio.

Yankush lhe disse:

–Paijojo, se você não entende porque ninguém gosta da sua música, pegue esta concha e ouça-a.

Paijojo saiu triste. Pensei em dar a ele ervas curativas e não uma concha boba. Ele pensou em jogá-lo no rio..., mas ele decidiu ouvi-la. E ele ficou

espantado! Ele ouviu as ondas do mar e viu que a concha era poderosa. Então ele ouviu os sons da selva, o canto do tucano, os gritos do macaco e a esfregação das cobras enquanto deslizavam.

Ele admirava o som do vento, o barulho no chão, a chuva na Amazônia, a voz do seu povo... Ele então foi para o rio com sua quena, sentou-se em uma rocha e tocou para reproduzir os sons que ele tinha percebido. Ele percebeu que todos ao seu redor estavam ouvindo alegremente e percebeu que quando ele se interessou por outros ele recuperou seu dom. O segredo da concha era “antut anentái” (“escutar com o coração”).

PARA COZINHAR

PAICHE FRITO COM CHONTA

Ingredientes

- Paiche frito (o segundo maior peixe de água doce do mundo, pesa até 300 quilos e mede 2,5 metros de comprimento)
- Chonta (casca de palmeira amazônica)
- Mandioca
- Banana
- Tomate
- Molho de limão
- Pimenta, cominho, sal e ajimo

Preparação

Enquanto frita o paiche, marinado com pimenta, cominho, sal e ajimo, a chonta é preparada. A mandioca é frita. A banana é frita. E o tomate é fatiado. Limões são espremidos e um molho é preparado com eles, derramando um pouco de farinha e migalhas de pão.

Uma vez que o peixe é frito, ele é colocado no prato com mandioca frita, banana e tomate. E você adiciona em cima o molho de limão.

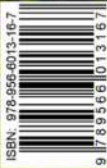


Este livro foi editado por **Ediciones de la JUNJI**.

A família de fontes Century Gothic foi usada para títulos e textos. No interior foi usado papel couché de 130 g, impresso em 4 tintas, e para as capas, foi usado papel couché de 350 g, impresso em 4 tintas.



Ediciones de la JUNJI é o resultado do compromisso da Junta Nacional de Jardins de Infância de gerar conhecimento, criatividade e inovação na educação e na infância, e assim promover novos meios de aprendizagem e debate construtivo.



A série **MENINOS E MENINAS DO MUNDO** coleta a diversidade e semelhança da infância e conta, com sua própria visão e voz, a vida delas e deles.

Relatos e fotografias que visibilizam aos meninos e meninas desde seus cotidianos, culturas e territórios, antes invisíveis, para compartilhar em casas, jardins de infância e escolas, com crianças e famílias de todos os lugares da Terra.

